

Desejos oceânicos,
fantasias transatlânticas:
O Sequestro da Dona Ausente
de Mário de Andrade,
entre Portugal e o Brasil

Eliane Robert Moraes & Marina Damasceno de Sá

Universidade de São Paulo

Resumo: O presente artigo selecionou, dentre mais de mil fólios do manuscrito *O sequestro da Dona Ausente* do escritor brasileiro Mário de Andrade (1893-1945), aqueles que arrolam notas de leituras referentes ao intercâmbio luso-brasileiro. O manuscrito inacabado estuda, nas imagens e nos símbolos da poesia, o sofrimento causado pela falta de mulheres, ou a castidade forçada, entre os navegadores. O autor publicou três textos em vida, sendo o último em 1943 na

revista luso-brasileira *Atlântico*, a pedido de seu secretário de redação o escritor português José Osório de Oliveira. Os fólios e livros aqui selecionados estão guardados no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Sua leitura permite repensar tópicos consolidadas sobre os intercâmbios literários entre os modernismos de Portugal e do Brasil, em especial no que diz respeito às relações entre escritos eruditos e populares, com particular foco

nas tensões entre moral e erotismo nos dois países.

Palavras-chave: Mário de Andrade, Modernismo, Poesia.

Résumé : Parmi plus d'un millier de folios du manuscrit *O sequestro da Dona Ausente* [*L'enlèvement de la femme absente*] de l'écrivain brésilien Mário de Andrade (1893-1945), nous avons sélectionné pour cet article ceux qui énumèrent des notes de lecture faisant référence à l'échange culturel luso-brésilien. Le manuscrit inachevé étudié, à travers les images et les symboles de la poésie, la souffrance causée par le manque de femmes, ou la chasteté forcée, parmi les navigateurs. L'auteur a publié trois textes de son vivant, le dernier en 1943 dans la revue luso-brésilienne *Atlântico*, à la demande de son secrétaire de rédaction, l'écrivain portugais José Osório de Oliveira. Les folios et livres sélectionnés ici sont conservés à l'Institut d'études brési-liennes de l'Université de São Paulo (IEB-USP). Sa lecture nous permet de repenser des sujets consolidés sur les échanges littéraires entre les modernismes du Portugal et du Brésil, notamment en ce qui concerne les relations entre textes canoniques et populaires, avec un accent particulier sur les tensions entre moralité et érotisme dans les deux pays.

Mots-clés : Mário de Andrade, Modernismo, Poésie.

Abstract: The article selected among more than a thousand folios of the manuscript *O sequestro da Dona Ausente* [*The Missing Lady's kidnapping*] by the Brazilian writer Mário de Andrade (1893-1945), those that list reading notes referring to the Portuguese-Brazilian exchange. The unfinished manuscript studies, in the images and symbols of the poetry, the suffering caused by the lack of women, or the forced chastity, among the navigators. The author published three texts during his lifetime, the last in 1943 in the Luso-Brazilian magazine *Atlântico*, at the request of his editorial secretary, the Portuguese writer José Osório de Oliveira. The folios and books selected here are kept at the Institute of Brazilian Studies at the University of São Paulo (IEB-USP). Its reading allows us to rethink consolidated topics on the literary exchanges between the modernisms of Portugal and Brazil, especially with regard to the relations between erudite and popular writings, with a particular focus on the tensions between morality and eroticism in both countries.

Key words: Mário de Andrade, Modernism, Poetry.

Não conheço nada de mulher que está pra chegar,
apenas sei de uma canção que diz assim:

A maré encheu

A maré vasou

Cadê minha mulata

Que ainda não chegou!

Ascenso FERREIRA¹

1. Carta a Mário de Andrade de 14 de julho de 1928, Arquivo IEB/USP MA-C-CPL 2905.

Em 8 de abril de 1933, Manuel Bandeira escreve a Mário de Andrade, contando que, devido à mudança para outro apartamento no mesmo prédio onde já morava, estava pondo seus papéis em ordem, e rasgando muitos deles. Durante a organização, acabou por reler a correspondência trocada entre os dois e se surpreendeu ao constatar outra mudança, do tipo que só se percebe com o passar do tempo:

Tenho lido muita coisa engraçada sua. Dou-lhe os parabéns : tenho rastreado na sua correspondência todos os seus projetos literários e musicais e verificando que todos ou quase todos foram cumpridos! Já em 27 você falava no *Dicionário musical* e dizia : “é obra para dez anos”. Eu disse acima “quase todos” mas posso dizer todos, porque a única coisa de que você não falou mais foi de um ensaio sobre o que você chamou o *Sequestro da Dona* em nossa literatura. Precisa pensar nisso, pois o tema me pareceu bem interessante².

Não era só Bandeira que se interessava pela *Dona Ausente*³, mas também Carlos Lacerda que, em carta de 23 de agosto do mesmo ano, reiterava o convite que a Casa do Estudante do Brasil fizera a Mário, para combinar com ele uma conferência no Rio: “Ficamos então no título *A dona ausente* (comunicação sobre folk-lore)?⁴”. Conferência marcada para o dia 5 de outubro de 1933, conforme anunciava o número duplo 3-4 da revista carioca *Rumo* da mesma associação, cujos redatores eram Rui Costa e Jayme Assis Almeida, além dele. No mês seguinte, Lacerda voltaria uma vez mais a escrever sobre o assunto, em carta onde perguntava “Como vai *Fraulein* nos Estados Unidos? E *Macunaíma*? Quando é que sai a *Pancada do Ganzá*? E o estudo da *dona ausente*?⁵”.

É bem possível que Mário tenha se limitado a uma apresentação oral nessa ocasião, pois o primeiro texto conhecido sobre *A dona ausente* foi publicado somente em 1938, no quarto número do *Boletim da Sociedade de Etnografia e Folclore*⁶. Mas a comunicação já resumia o argumento do escritor, chegando a conclusões interessantes sobre o fenômeno social da epopeia ibérica das navegações, como as que se seguem:

Procurando à luz da psicologia contemporânea, as manifestações provocadas pela ausência da mulher nos marujos e nos colonos, descobre-se a existência dum verdadeiro e riquíssimo complexo, o “complexo da dona ausente”. O rito do mar bem

2. MORAES, Marcos A. (org.), *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, São Paulo, Edusp/Ieb, 2001, p. 556.

3. O manuscrito de *O sequestro da Dona Ausente*, de Mário de Andrade, depositado no arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), conta com 1.261 fôlios, a maioria deles indicando leituras feitas pelo autor em livros guardados na sua biblioteca que também está no local. Além do manuscrito, há três éditos publicados nos periódicos brasileiros *Mensagem* e *Boletim da Sociedade de Etnografia e Folclore* e, por último, na revista luso-brasileira *Atlântico*.

4. Arquivo IEB/USP-MA-C-CPL 3826.

5. Arquivo IEB/USP-MA-C-CPL 3831.

6. Criada dois anos antes por iniciativa do próprio autor quando dirigia o Departamento de Cultura de São Paulo, que havia patrocinado um curso de Etnografia ministrado pela etnóloga Dina Lévi-Strauss, a Sociedade tinha a finalidade de iniciar folcloristas nos trabalhos de campo e de “promover e divulgar estudos etnográficos, antropológicos e folclóricos”.

como os perigos da colonização exigem do homem a castidade. Mas a lembrança da mulher se infiltra por vários jeitos no rito do mar. São exemplos disso a imagem sexual que leva a apelidar os navios com nomes de mulheres (Nau Catarineta); a comparar os navios com mulheres (“mulatinhas são barquinhos, as crioulas são saveiros”); e na metáfora mulher-peixe⁷.

Recebida com entusiasmo por Sérgio Milliet, a conferência é citada ainda em seu livro *Ensaio*, no capítulo sobre a “Moral colonial”, que alude aos mancebos casados ou solteiros flagrados aliciando mulheres negras nas fontes:

Esta [Câmara paulistana] mandava apregoar que “todo mancebo assim solteiro como casado que se achar pegando em alguma negra que vá a fonte ou ao rio, pague cinquenta réis para o Conselho por a primeira vez e por a segunda cem réis”. A multa relativamente pequena foi pouco depois quintuplicada sem grande resultado. Continuou-se a ir às fontes, mesmo porque não era possível furtar-se indefinidamente ao imperativo biológico. Esse perigo da fonte para a honestidade de mancebos e donzelas reflete-se no folclore, onde inúmeras são as alusões à sua função amorosa. Haveria mesmo um ensaio a escrever sobre o assunto, se já não tivesse ele servido de tema a uma deliciosa e erudita comunicação de Mário de Andrade à Sociedade de Etnografia⁸.

No exemplar de *Ensaio* que pertenceu a Mário reconhecem-se duas notas a lápis vermelho que aludem ao seu projeto, destacando justamente os títulos “Crise de mulheres” e “Moral colonial”. O primeiro diz respeito a uma ordem régia transcrita por Milliet que, datada de aproximadamente 1730, fora redigida pelo então rei João V de Portugal:

Eu El Rey faço saber aos que este meu alvará virem que sendo-me presentes os motivos por que no Brasil não há mais crescimento de gente em grave prejuízo do aumento e povoação daquelle Estado [...] de que resulta faltarem estas mulheres para os matrimônios que convém augmentar no Brasil [...] e de outra sorte se não darão licenças para virem mulheres do Brasil a este Reyno, e o capitão ou mestre do navio que as trouxer sem licença alcançada por esta forma encorrerá na pena de pagar por cada mulher que trouxer dois mil cruzados, pagos de cadeia aonde ficará preso por tempo de dois mezes⁹.

O outro ensaio realçado por Mário aborda a prostituição na cidade de São Paulo, afirmando sua ausência nos dois primeiros séculos da colônia. De acordo com o estudo, o que havia então era o costume dos mancebos visitarem as fontes onde índias e negras lavavam roupas, hábito a que ele nomeia de “desmandos sexuais”. Revela ainda que em 1576, para registrar seu desagrado com tal costume, a Câmara paulistana chegou a apregoar a tal multa.

7. “A dona ausente”. Resumo não assinado da conferência de Mário de Andrade, publicado no *Boletim da Sociedade de Etnografia e Folclore*, ano 1, nº 4, São Paulo, jan. 1938, p. 1-2. Cf. CARVALHO, Ricardo Souza de, *Edição genética d’O sequestro da dona ausente de Mário de Andrade*, Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, 2001.

8. MILLIET, Sérgio, *Ensaio*, São Paulo, Brusco & Cia., 1938, p. 107-108.

9. *Ibid.*, p. 40-42.

Já o segundo texto conhecido sobre a *Dona Ausente*, intitulado “De um país sem mulheres”, foi publicado na revista mineira *Mensagem*, em janeiro de 1940. Ao que tudo indica, era a transcrição de uma conferência realizada em Belo Horizonte a convite de Otávio Dias Leite, que aludia ao *Sequestro* como “um trabalho de erudição, estudando os reflexos da falta de mulher nas viagens marítimas e na Colônia dentro do folclore luso-brasileiro¹⁰”. Lê-se no artigo um aprofundamento do argumento do escritor:

Portugueses e espanhóis não foram apenas comerciantes navegadores, foram em principal... sempre comerciantes, mas conquistadores de terras também. A *Dona Ausente* se intensificava assim, na consciência deles, pelo longo estágio em terras inóspitas a que a mulher ibera vinha dificilmente. Na conquista de Angola, só um século depois de estabelecidos na terra, os portugueses levaram para lá as primeiras mulheres brancas. O Brasil foi mais feliz. 35 anos depois de oficialmente descoberto, já Duarte Coelho trazia pra Pernambuco a sua mulher. Frei Gaspar indica 1536 como data de entrada da primeira portuguesa em S. Vicente [...]. Mas o que eram essas poucas donas, inda por cima casadas, numa flotilha de gente que contava 600 soldados e 400 degredados?¹¹

Por fim, quanto à terceira conferência, publicada em 1943, esta saiu na revista luso-brasileira *Atlântico*, editada pelo Secretariado da Propaganda Nacional de Lisboa, e pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, no Rio de Janeiro. Dirigida por António Ferro e Amílcar Dutra de Menezes, a publicação era secretariada por José Osório de Oliveira, com quem Mário trocou livros e manteve longa correspondência durante aproximadamente vinte anos:

Calcule você que encontrei um editor que julga dever servir o Espírito! Tendo-lhe apresentado o projeto de uma coleção de “Ensaístas Nacionais”, sugeriu-me outra ideia ainda mais grata à minha inteligência : uma coleção de “Ensaístas Portugueses e Brasileiros” ou “Ensaístas Atlânticos” (o título ainda não está assente definitivamente), na qual os autores portugueses alternariam com autores brasileiros [...]. Creio que o seu anunciado livro : “A dona ausente” ainda não está publicado, e julgo-o constituído por estudos de folclore com grande interesse para os dois países. O estudo que lhe dá o título não consiste na admirável conferência que lhe ouvi ler no Rio de Janeiro em 1933?¹²

José Osório havia assistido a conferência de 1933, quando esteve no Brasil. Infelizmente, a coleção de ensaístas portugueses e brasileiros que incluiria nomes como Victorino Nemésio e Gilberto Freyre não vingou e “A Dona Ausente” acabou sendo publicada no número 3 de *Atlântico*, revista que propunha um controverso intercâmbio luso-brasileiro, por se tratar de veículo oficial das ditaduras de Salazar e de Getúlio Vargas:

O que pretendo é contar aos leitores portugueses alguns resultados que já alcancei nas minhas pesquisas, através do populário luso-brasileiro, sobre um complexo

10. Arquivo IEB/USP-MA-C-CAA 271.

11. CARVALHO, Ricardo Souza de, *Edição genética d'O sequestro da dona ausente...*, op. cit., p. 246.

12. Arquivo IEB/USP-MA-C-CPL 5564.

marítimo. Complexo inicialmente marítimo, porém que, no Brasil, tornou-se terrestre também. A Dona Ausente é o sofrimento causado pela falta de mulher nos navegadores de um povo de navegadores¹³.

A publicação, porém, rendeu dissabores a Mário, que foi questionado por ter colaborado com um periódico fascista. É o que se comprova numa entrevista de 1944, concedida a Francisco de Assis Barbosa para a revista carioca *Diretrizes*, cuja chamada era “Acusa Mário de Andrade: Todos são responsáveis!: os intelectuais puros venderam-se aos donos da vida”:

— Mas você, também, Mário, colabora na revista *Atlântico*...

— É verdade. Publiquei um artigo em *Atlântico*. Confesso que estou arrependidíssimo. Quando me dei conta do erro que estava cometendo já era tarde. Reconheço que errei. Dou minha palavra de honra que jamais cairei noutra¹⁴.

Já em carta enviada a Moacir Werneck de Castro, 22 dias após a publicação da polêmica entrevista, o escritor alude a um “malestar terrível” por conta “da colaboração na fachi-nazi-luso-dip-getulidútrica *Atlântico*”:

O arrependimento foi póstumo e talvez, com ele presente, eu publicasse assim mesmo o que publiquei. É que eu ainda não tirara patente de invenção de um assunto luso-brasileiro que eu descobri, de que tiro muita vaidade, que tenho estudado quando e como posso, que está sendo muito conhecido e bastante conversado, mas sobre o qual ainda eu não escrevera coisa nenhuma, “A Dona Ausente”. De repente era capaz que saísse em Portugal ou mesmo aqui, alguém descobrindo o assunto e eu perdia o meu invento, sendo moralmente obrigado a citar outro. Homem, Moacir, a vaidade é tamanha em mim, neste caso, que acho que era capaz de escrever sobre até na *Manhã* do Cassiano [Ricardo]! Mas só um artigo... Como no *Atlântico* foi só esse. Agora a vaidadinha dorme assossegada. Não escrevo mais¹⁵.

Enfim, em janeiro de 1944, como que prenunciando sua morte no ano seguinte, Mário dá uma entrevista para a revista *Leitura* onde faz planos sobre os trabalhos que deveriam integrar suas “Obras Completas” conforme encomenda da Livraria Martins Editora:

Tenho vários [trabalhos]. Neste ano, pretendo ver se concluo pelo menos dois, o primeiro volume de *Na pancada do ganzá*, sobre folclore nordestino, e o *Sequestro da Dona Ausente*, também folclore, estudando as ressonâncias que teve na poesia popular luso-brasileira a ausência de mulher nos portugueses navegadores e nos primeiros tempos coloniais¹⁶.

13. CARVALHO, Ricardo Souza de, *Edição genética d'O sequestro da dona ausente...*, op. cit., p. 252.

14. ANDRADE, Mário de, *Entrevistas e depoimentos*, Organização de Telê Porto Ancona Lopez, São Paulo, T. A. Queiroz, 1983, p. 104.

15. CASTRO, Moacir Werneck de, *Mário de Andrade : exílio no Rio*, Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 210-212.

16. ANDRADE, Mário de, *Entrevistas e depoimentos*, op. cit., p. 113-114.

Dois meses depois, já em carta-testamento para o irmão mais velho, o escritor retoma a questão para ponderar que as conferências intituladas *O sequestro da dona ausente* e *Música de feitiçaria no Brasil* poderiam ser publicadas tais como estavam, uma vez que se limitavam a resumir o trabalho definitivo que “era muito mais sério e científico”, embora naquele momento não passassem de “sugestão pra trabalhos de outrem¹⁷”. Mário, porém, não viveu o suficiente para acompanhar os passos seguintes da edição de sua dileta pesquisa que, interrompida com sua morte precoce, ainda está em curso. Vamos, então, a ela.

— 2 —

Sequestro é uma palavra tão importante no pensamento do autor de *A gramatiquinha da fala brasileira* que, por vezes, parece até ter sido por ele inventada¹⁸. E, se não o foi, como bem sabemos, é certo que o escritor conferiu a ela um significado muito particular e decisivamente autoral, ao qual não faltam inflexões sensuais e mesmo eróticas. Concorre para isso sua frequência da obra de Freud, em traduções francesas, iniciada com leitura das *Conferências introdutórias à psicanálise* em 1922 e, no ano seguinte, dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Suas anotações marginais a este livro destacam em especial os capítulos “*Refoulement*” [recalque] e “*Sublimation*” [sublimação], veiculando noções fundamentais para a concepção de sequestro que, formulada na mesma época, pode ser pensada como uma fusão do recalque e da sublimação freudianos.

Lembra Walnice Nogueira Galvão que, seguindo o empenho pioneiro de Artur Ramos em aplicar a psicanálise na interpretação da cultura popular do país, Mário se interessou por essa alternativa desde sua viagem etnográfica de 1927 pela Amazônia, quando:

[...] fotografa um varal cheio de roupas brancas, camisas de dormir, vestidas pelo vento. Atribui-lhe uma legenda : ‘Roupas freudianas [...]’. Fotografia *refoulenta*. *Refoulement*, adotando um termo que embasaria a expressão ‘Sequestro’, futuramente tão utilizada, servindo a várias acepções¹⁹.

Note-se, pois, que já nessa primeira palpitação com relação ao tema esboça-se a ideia de um corpo ausente que ganha presença espectral ao ser evocado por uma imagem expressiva —esta não por acaso deixando à mostra as roupas íntimas que um dia envolveram sua nudez.

Daí em diante, o termo escolhido pelo autor para nomear o mecanismo, que se aproxima do “retorno do recalçado” da psicanálise, viria ganhar espaço em sua produção, sobretudo depois dos

17. LOPEZ, Telê Ancona, *Mariodeandradiando*, São Paulo, Editora Hucitec, 1996, p. 117-118.

18. O texto que se segue nesta segunda parte do artigo é composto por uma seleção de passagens de autoria de Mário de Andrade, retiradas do trabalho de Ricardo Souza de Carvalho (*Edição genética d’O sequestro da Dona Ausente de Mário de Andrade*, op. cit.) e republicados no livro *Seleção erótica de Mário de Andrade*, São Paulo, Ubu, 2022, p. 151-155) que, organizado por Eliane Robert Moraes, também reproduz aqui, com modificações, diversas passagens de sua apresentação ao volume intitulada “O dito pelo não dito”.

19. GALVÃO, Walnice Nogueira, “O par escamoteado”, in *A Donzela-Guerreira —Um estudo de gênero*, São Paulo, Editora Senac, 1998, p. 154.

anos 1930, quando aparece com frequência em escritos diversos, fichas e notas suas²⁰. Entre os mais significativos está o ensaio “Amor e medo”, que repassa uma série de nomes da lírica oitocentista brasileira, identificando no conjunto “o sambinha do sequestro que o amor e o medo saracoteou na excessiva mocidade dos nossos maiores poetas românticos²¹”.

O título do texto alude a um poema homônimo de Casimiro de Abreu que, ao lado de Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves, é citado como exemplo de poeta daquela geração que cultivava grande temor da consumação sexual do sentimento amoroso. O ensaio foi originalmente publicado na *Revista Nova*, em 1931, embora Mário já viesse reunindo, desde os anos 1920, material para um livro sobre os poetas românticos que contemplaria um capítulo intitulado “Psicologia do romantismo brasileiro”. Importa realçar que o projeto coincide com a pesquisa do *Sequestro*, que o escritor começa a realizar exatamente na mesma época, sendo que os dois estudos têm um mesmo pressuposto de base, tal como ele mesmo explicita:

A “desgraça” tão frequente nos poetas jovens não é afinal das contas nenhuma hipocrisia nem propriamente uma moda romântica. É antes um derivativo ao “mal do amor” cada vez menos inexistente devido à liberdade de costumes cada vez maior. Mas enquanto esta não for absoluta, se é que chegue a isso, o mal de amor, a insatisfação sexual há de mesmo permanecer como fonte de lirismo e de sequestro²².

Projeto de grande porte, alentado até o fim da vida do escritor e deixado inacabado, *O sequestro da Dona Ausente* opera com esse mesmo princípio de que a insatisfação sexual é uma eficaz mola propulsora de lirismo, testando-o em contextos distintos que se ampliam em termos de tempo, diversificando os planos formais e simbólicos. Ou, como o descreve e resume o estudioso:

O tema da “dona ausente” em que por mil formas se transformou o desejo sexual irrealizável é sem dúvida um dos mais belos, mais elevados, mais líricos e mais permanentes do folclore universal. Convertido a uma imagem determinada pelo sequestro colonial, ele tomou aqui duas formas primordiais em que essa beleza, esse lirismo e essa elevação se conservam. A imagem de dois amantes com um rio de permeio proibindo-os de se juntarem é de uma boniteza absolutamente clássica. E ainda a imagem da amante embarcada vindo para junto do amante preso num rochedo ou numa praia possui a mesma intensa boniteza²³.

Confirma tal relação entre os dois estudos, um fólio do manuscrito, onde se lê: “Sequestro// Onda = mulher// Veja Álvares de Azevedo ‘Anjos do mar’”, que se refere a um poema da *Lira dos vinte anos* do poeta romântico analisado em “Amor e medo”. Ao interpretar as cinco quadras,

20. O uso do termo “sequestro” aparece em textos críticos de *Aspectos da literatura brasileira*, como “A poesia em 1930” que analisa poemas de Carlos Drummond de Andrade e reconhece “dois sequestros”, sendo um deles de forte apelo sexual; ou em sua literatura, como *Amar, verbo intransitivo* que fala repetidamente dos “sentimentos sequestrados”; ou ainda em seus estudos do folclore, como *Namoros com a medicina* que alude à “coprolalia sequestrada”.

21. ANDRADE, Mário de, *Aspectos da literatura brasileira*, São Paulo, Martins Fontes, 1974, p. 228.

22. *Ibid.*, p. 52.

23. *Ibid.*

em decassílabos rimados, Mário sugere que a imagem poética da “onda”, ali significando “mulher”, apesar de idealizada pelas associações aos anjos, não deixa de evocar tremores, delírios, desejos e outras incertezas:

As ondas são anjos que dormem no mar,
Que tremem, palpitam, banhadas de luz...
São anjos que dormem, a rir e sonhar
E em leito d’escuma revolvem-se nus!
[...]
E quando nas águas os ventos suspiram
São puros fervores de ventos e mar :
São beijos que queimam... e as noites deliram,
E os pobres anjinhos estão a chorar!²⁴

Seja, portanto, na leitura dos poemas românticos ou das quadras da cultura popular, não é difícil perceber que as pesquisas do modernista ultrapassavam o mero exercício de aplicação da teoria psicanalítica. Se as noções de recalque e sublimação foram capitais para seu entendimento sobre as causas que limitavam os impulsos libidinosos, a evidência de que tais mecanismos se estendiam do campo patológico ao artístico veio a ampliar sensivelmente o horizonte de suas interrogações. O emprego da polivalente noção de *sequestro* deixou-o mais à vontade para abordar fenômenos e objetos associados ao desejo e à sexualidade em diversos domínios, especialmente na produção literária, fosse erudita ou popular.

Desta última produção, vale apresentar uma pequena amostra retirada ao acaso do extenso conjunto recolhido por Mário:

Embarque, sr. embarque
Bote o pé, não molhe a meia
Vá casar à sua terra
Não case na terra alheia
Alguém no porto gritou
“Canoeiro vai passar.
Si for homem deixe lá
Si mulher passe pra cá.”
Ó barqueiro, volta co’a barca,
Qu’eu também já fui barqueiro ;
Já passei a tua dama,
E não lhe levei (cobrei) dinheiro.
Travessei o rio a nado,
Eu saí foi de mergulho :
Somente para te ver,
Beijo de caju maduro.
A Joaquina caiu n’água
Caiu n’água e se molhou

24. AZEVEDO, Álvares de, *Lira dos vinte anos*, Apresentação e notas José Emílio Major Neto, São Paulo, Ateliê Editorial, 2000, p. 81.

Ai quem me dera a Joaquina
Molhada como ficou.
Na outra banda do rio
Não chove, nem faz orvalho,
Se vós tendes de ser minha
Não me deis tanto trabalho.
Lá do outro lado do rio
Está uma rosa por se abrir ;
Quem me dera ser sereno
Para na rosa cair²⁵.

Talvez esses poucos exemplos sejam suficientes para dar ideia de como o folclore luso-brasileiro efetivamente se enriqueceu com esse intercâmbio entre as fontes poéticas canônicas e a numerosa série de quadrinhas e cantigas que giravam em torno dos mesmos temas. É o que se depreende de uma conclusão categórica sobre o assunto enunciada pelo próprio autor:

O Sequestro da Dona Ausente afinal se resume na sua mais primária ideia ao presente duma mulher. Ou ela espera no outro lado do rio, ou vem de barca pra nos se dar, ou já conosco (“Ôh pescador de barquinha! — O que é lá!”) seja mulher de soldado, seja nossa dama, sejam as esposas do Mangue, já conosco voga no barquinho epitalâmico. E melhor presente não é possível se imaginar do que mulher pra capadócios, pra mocinhos seresteiros, pra cantadores de saraus de bairro, pra estudantes, pra meninões à espera de buço, para coqueiros inconscientemente safados no meio da sensualidade peguenta de canto e ouvintes, pra todos os homens afinal. A toda essa gente macha a quem um preconceito, uma vergonha, uma timidez, uma disgrá, uma pindaíba, uma religião, uma moral, um andar no desvio, uma recusa enfim, esquivavam o prazer incomparável nesse mundo, a mulher²⁶.

— 3 —

É sabido que o pesquisador modernista, interessado nos “mecanismos que a sensibilidade institui e o folclore sabe guardar” vasculhou as mais diversas fontes com o objetivo de “recolher traços básicos, deles partindo para explicações mais abrangentes da esfera das manifestações do inconsciente coletivo²⁷”. Daí sua insistência em interrogar a repercussão da “falta física do amor” no imaginário literário lusófono, propondo-lhe uma historicidade, como expõe aqui:

Entre os que vinham pra América muitos eram casados e deixavam a mulher na Europa. A saudade, principalmente amplificada pelo desejo sexual é penosa e a

25. MORAES, Eliane Robert (org.), *Seleção erótica de Mário de Andrade*, *op. cit.*, p. 154-155.

26. *Ibid.*, p. 153.

27. GALVÃO, Walnice Nogueira, “O par escamoteado”, *op. cit.*, p. 156.

ambição da conquista e a tradicionalização de aventura nessa gente os levava a evitar recordações e pensamentos penosos que os enfraquecessem, afrouxassem, impedindo assim a conquista de riquezas rápidas que permitissem volta rápida. Existe ainda a razão do pecado, mais geral. Se desejava mulher para cumprir simplesmente com um desejo sexual. Desejo este, se sabe que importantíssimo, criando as licenças homossexuais da vida marinheira, e as fáceis vitórias contra a relutância de hábito, permitindo amar nos portos as mulheres de todas as raças, cores e cheiros. Mas contra isso havia nesses portugueses não só a consciência tradicional religiosa como a presença constante do padre. Eram estas ambas, apontando ao espírito do viajante, como dedos acusadores, o pecado mortal. Se este praticamente lhes importou muito pouco, derrotado pelas ambições e pela liberdade de vida numa terra sem rei nem lei, permanecia virtualmente na consciência e era penosa. O simples fato de contar a ausência de mulher que os satisfizesse implicava na constatação franca de pecado. Sequestrada a primeira, a segunda *ipso facto* desaparecia também ou se abrandava²⁸.

Ora, para além do peso do pecado acima assinalado, Mário sugere ainda que, embora “o valor de boniteza intensa e tão intensamente lírica” fosse suficiente para justificar a tradicionalização do tema, esta se justificaria igualmente pela psicologia que o envolve, por ser a insatisfação sexual “a maior propulsora de lirismo dentre as preocupações profanas²⁹”. Na tentativa de dar conta de questão tão ampla, o escritor se põe a mapear o sequestro em várias culturas, excedendo a lusofonia para incluir, em sua pesquisa, países da América Latina, da África e da Europa, além de outros povos navegantes.

Interessado igualmente em fontes históricas mais distantes, no caso do intercâmbio luso-brasileiro, Mário destaca a *História do Brasil*, de Frei Vicente de Salvador, onde recolhe uma versão bastante romantizada, anedótica até, sobre o papel da mulher indígena na colonização portuguesa, assim transcrita:

Serviam de intermediária na paz, como ainda é o caso daquela aimoré que Álvaro Rodrigues da Cachoeira tomou e fez provar da vida portuguesa, chamando-lhe Margarida. Depois mandou-a pra junto dos seus, a quem ela contava que o líquido vermelho que os portugueses bebiam era vinho e não sangue de aimoré e a carne vinha de boi e não de gente. E a paz se fez nos arredores³⁰.

Já na *História geral do Brasil*, do Visconde de Porto Seguro, o escritor-pesquisador coleta a história da portuguesa Dona Inês de Sousa, como exemplo de energia feminina, quando na ausência do marido —Salvador Correia de Sá que estava guerreando os indígenas no interior— formou um regimento de mulheres para se defenderem de três naus francesas que aportaram no Rio de Janeiro por volta de 1583³¹. A pesquisa exaustiva do modernista ainda recolhe nos originais de Yan de Almeida Prado dados sobre Caramuru: “Diogo Álvares, provavelmente naufragado na costa do Brasil por 1510, teve aliás muitas concubinas índias³²” e, no *Novo Orbe Serafico Brasilico*, ainda lê

28. *Ibid.*, p. 151-152.

29. *Ibid.*, p. 152-153.

30. Arquivo IEB-USP-106-1008.

31. Arquivo IEB-MA-MMA-106-972.

32. Arquivo IEB-USP-MA-MMA-106-1034.

que a mulher de Caramuru “tomou o nome de Catarina pela Rainha Catarina de Portugal e não por causa de Catarina de Medicis³³”. Nas *Cartas* de José de Anchieta destaca o termo “Temirecô” que é o “nome dado também às índias amancebadas com portugueses³⁴” e, embora sua consulta se estenda a muitos outros livros, é a carta de Pero Vaz de Caminha que chama em especial sua atenção, como prova a nota que se segue:

Observar o sequestro funcionando fortemente em Pero Vaz de Caminha, pois na carta dele a preocupação do sexo é formidável, obsessão mesmo. Pouco descreve das árvores, das aves, pouquíssimas [vezes?] toca nas vestimentas dos índios, roça pela descrição das danças, porém mulher que cite, logo lhe cita também “as vergonhas”, aqui “saradinhas”, ali descobertas no assentar, etc. etc.³⁵

Essas palavras por certo esclarecem ainda mais o conceito de sequestro tal qual empregado pelo escritor, a ponto de lhe indicar inclusive um contraponto lírico. Este, registrado na nota de trabalho autógrafa que faz alusão a uma quadra retirada do *Cancioneiro popular*, de Jaime Cortesão, diz:

O meu amor me deixou
Sozinha neste deserto
Hei-de me ir deitar ao mar,
Levam-me as ondas decerto

Percebe-se que, neste caso, o abandono é cantado a partir de um eu-lírico feminino (“sozinha”): ou seja, ao contrário do que se viu até agora, a voz poética é definitivamente a da mulher queixosa por ter sido abandonada por seu amor “neste deserto”. O espaço terrestre e seco é áspero como o mar salgado, configurando também um espaço solitário como a travessia do oceano. Tudo leva a crer que seu amor se foi embora carregado pelas ondas, de forma que os últimos dois versos podem ser lidos como uma forma de abandono de si mesma, ela também se deixando levar pelas ondas do mar, numa espécie de suicídio por afogamento. A voz poética da mulher que ficou em terra enquanto seu amado partiu pelo alto-mar figuraria então como o oposto do sequestro, assemelhando-se à cantiga de amigo da lírica medieval galego-portuguesa. Já o sequestro seria um desdobramento da cantiga de amor deslocada para outros espaços, sem o formalismo do ambiente palaciano, como na seguinte quadra recolhida dos *Ensaíes etnográficos*, de Leite de Vasconcelos, cujo tema realçado por Mário é “Mulher no mar em Portugal”:

Se tu queres vir comigo,
Ó meu amor, anda, anda :
Lá no meio desse mar
Faremos uma varanda³⁶

33. Arquivo IEB-USP-MA-MMA-106-1113.

34. Arquivo IEB-USP-MA-MMA-106-1093.

35. Arquivo IEB-USP-MA-MMA-106-010.

36. Arquivo IEB-USP, MA-MMA-106-0494.

A quadra expressa um convite explícito para que a Dona acompanhe seu marujo na travessia do mar, algo raro de acontecer a se crer nos documentos apresentados por Sérgio Milliet em seus *Ensaio*s. No entanto, no *Cancioneiro da Ajuda*, de Carolina Michaelis, Mário observa que “a moça aparece com frequência na praia” e isso já seria “um princípio, um tema que o sequestro desenvolveria no Brasil³⁷”. Passagens como essa fazem crer que, chegando ao Brasil, os temas lusitanos do sequestro podem ter sofrido modificações expressivas que são de particular interesse para o estudo das relações entre as sensibilidades literárias dos dois países, especialmente no que concerne às fontes de nossos modernismos.

Cabe aqui, a título de conclusão, apontar dois exemplos significativos nesse sentido, que convidam à interpretação do precioso manuscrito, não só versando sobre o Brasil colônia, como citado acima, mas igualmente nas suas repercussões nos séculos seguintes e até mesmo nos dias de hoje. O primeiro exemplo reitera o fato de que a fantasia do sequestro, sendo originalmente lusófona, por vezes sofre mudanças dignas de nota quando transportada para o imaginário brasileiro. Mário anota um curioso deslocamento que diz respeito aos seus destinatários, nesse caso, passando dos homens adultos para as crianças. Diz ele que:

[...] o sonho sendo essencialmente a satisfação dum desejo, tem isso de particular, demonstrado satisfatoriamente por Freud, que vem sempre muito impregnado da infância do indivíduo sonhador. “No sonho é a criança que permanece com todos os seus impulsos” chega Freud a afirmar, talvez um bocado exageradamente. [...] E tudo isso podemos reconhecer na temática mais fixa do Sequestro da Dona Ausente. A transposição do vasto mar oceano pra um rio; os veleiros intercontinentais traduzidos em barquinhas; a facilidade das mulheres livres traduzida discretamente pra tradição da “mulher de soldado”; o naufrágio do mar apequenhado a uma barca virada em rio nadável etc. : tudo isso são infantilidades, sem dúvida que de lirismo delicioso e comovente, mas infantilidades. Coisas de que a grandiosidade trágica desapareceu, purificada a premência da vida no círculo gracioso dos sustos infantis³⁸.

Ora, ao cruzar essas observações —que se alimentam das teorias freudianas— com suas pesquisas em torno das quadrinhas e cantigas populares, Mário chega a uma notável conclusão, mostrando como o folclore luso-brasileiro se enriqueceu sobremaneira com tais deslocamentos transatlânticos:

Cantigas de roda pra adultos em Portugal vivem no Brasil como cantigas de roda pra crianças (dar algum exemplo). Tudo isso me leva pois à hipótese de que inventado o tema, forma mais primária, mais delicada e invisível, ele tenha sido relegado a *ad usum delphini*. E se coadunando muito com o mundo de sustos, de tendências, de instintos, de ideais e de sexualidade infantil, é já agora fácil de compreender e bem argumentável a razão porque foi aceito, se generalizou e tradicionalizou no recreio fedelho³⁹.

37. Arquivo IEB-USP-MA-MMA-106-572.

38. MORAES, Eliane Robert (org.), *Seleção erótica de Mário de Andrade*, op. cit., p. 153.

39. *Ibid.*, p. 153-154.

Outro exemplo interessante que se encontra em uma das muitas anotações da pesquisa marioandradina combina não só o deslocamento geográfico ao temporal, mas também renova o intercâmbio entre o popular e o erudito. Trata-se de uma alusão feita a uma publicação literária de 1930, onde o autor observa que: “Até em poetas cultos, Murilo Mendes (*Poemas*, p. 32), tem uma curiosa manifestação do sequestro⁴⁰”. Vale, pois, a título de conclusão deste trabalho inconcluso aqui apresentado, transcrever o belo poema “Panorama”, que ficou guardado nas estantes de Mário e ainda demanda maior atenção da nossa parte:

Um anjo elástico sacode as asas no espaço
e me infiltra a preguiça, o amor ao sonho.
Num recanto da terra uma mulher loura
enforca-se e vem no jornal.
Uma menina de peito largo e ancas finas
sai do fundo do mar,
sai daquele navio que afundou e vira uma sereia.
A filha mais moça do vizinho
lá está estendida no caixão
na sala de visitas com paisagens,
um cheiro enjoado de angélicas e meus sentidos pêsames.
Tudo está no seu lugar
minha namorada está sozinha na janela
o sonho está dormindo na cabeça do homem
o homem está andando na cabeça de Deus
minha mãe está no céu em êxtase,
eu estou no meu corpo⁴¹.

40. Arquivo IEB-USP, MA-MMA-106-0596.

41. MENDES, Murilo, *Poemas*, Juiz de Fora, Dias Cardoso, 1930, p. 32.